

ADEMIR PASCALE – ORGANIZADOR

VOLUME XV

POEMAS

SOBRE O TEMPO



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-25273-4
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

TEMPO, UM INSTANTE, POR FAVOR, POR JAFF SILVA, PÁG. 05
ONDE OS ANOS FLORESCEM, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 08
TEMPO DAS PANEAS DO REI SALOMÃO, POR ALEXANDRE DE LIMA E LIMA COLETE, PÁG. 11
O AMOR QUE TIVE PELO TEMPO, POR ARCTURUS MISSIS, PÁG. 15
O TEMPO CURA AS FERIDAS, POR ARCTURUS MISSIS, PÁG. 18
SE O TEMPO FOSSE UMA PESSOA, ELE ESTARIA QUEBRADO, POR ARCTURUS MISSIS, PÁG. 20
SE O TEMPO FOSSE UMA PESSOA, NÓS NÃO O AJUDARÍAMOS, POR ARCTURUS MISSIS, PÁG. 24
ALÉM DOS RELÓGIOS, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 27
PRESENÇA DO TEMPO, POR CLAUDIA REGINA, PÁG. 29
ODE AO POVO LUSITANO, POR COSMOGENEALOGIA, PÁG. 32
TEMPUS, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 36
REVOLUÇÃO PROGRAMADA, POR JOSÉ DOUGLAS ALVES DOS SANTOS (DESMISTIFICADOR DE DÁLIAS), PÁG. 38
CAFÉ E PROSA, POR EDINEY LINHARES DA SILVA, PÁG. 42
TRANSCURSO, POR FRANCINALVA MUNIZ, PÁG. 45
O TEMPO NÃO PODE APAGAR, POR JEANNE CRISTINA, PÁG. 47
AS 24 HORAS DA VIDA, POR JÉSSICA LOPES, PÁG. 49
MOMENTO ÚNICO, POR KELLY CRISTINE BARROS DE SIQUEIRA GALEB, PÁG. 51
ACEITAÇÃO, POR KELLY CRISTINE BARROS DE SIQUEIRA GALEB, PÁG. 53
RUA DIREITA EM OURO PRETO, POR LUCAS MIGUEL TEIXEIRA, PÁG. 55
PROSOPOMINAS, POR LUCAS MIGUEL TEIXEIRA, PÁG. 57
O TEMPO E SUAS TRAMAS, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 60
TEMPO INVERNO!, POR RAÍSSA PAULA SENA DOS SANTOS, PÁG. 62
A CIRANDA DO TEMPO, POR RENATA FALSON CAVALCA, PÁG. 65
TEMPO, POR ROSANA OLIVEIRA, PÁG. 69
E ERA PRIMAVERA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 71
MOMENTÂNEO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 73
O SENHOR DE VIDRO, POR VINICIUS VAZQUES MOREIRA, PÁG. 75
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 78

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

VOLUME XV

POEMAS

SOBRE O TEMPO

APRESENTAMOS

TEMPO, UM INSTANTE, POR FAVOR POR JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>).

Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).

Tempo, um instante, por favor
Jaff, Silva, Jaff, Silva, Jaff...

Um...
Passou um segundo
Dois...
Passou outro
Três...
O tempo com pressa
Anda a passo de lesma
Para não ocorrer
A dilatação do próprio tempo
E o tempo se perder
Ao longo do tempo

Não podemos perder
O instante
Nele há o mundo
Os cosmos e os nada
E estes versos

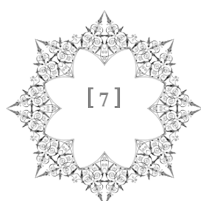
O coração bateu
Parou
Amou
Odiou

A contagem existencial
Existo
Resisto
Insisto
Existo...

Um vive
O dois morreu
Três nasceram
O quatro chegou
E o cinco partiu
Seis amaram
Mas o sétimo odiou
Oito chorou
E o nove morreu de rir
O dez não gostou
E reiniciou a contagem

Porém
O tempo se acabou
Para o poeta
Rabiscar o poema
E contar a poesia
Sem rima
Sem rima
Sem rima

Ouçã a música “Passou um Segundo”
Clique aqui



APRESENTAMOS

ONDE OS ANOS FLORESCEM POR ACARLOS MISAWA

A Carlos Misawa é autor de 08 livros, Membro da Académie de Luminescence Française (Paris-França), da Associação Internacional de Escritores e Artistas - LITERARTE, Academia Brasileira de História e Literatura - ABHL e da Associação das Letras. Escritor apaixonado pela literatura brasileira, alma humana e seus mistérios. Traduzo em palavras a complexidade da vida, unindo sensibilidade, profundidade e propósito. Autor de seis livros e participante de mais de 45 antologias nacionais e internacionais, busco tocar, provocar reflexão e despertar consciência. Instagram @ACarlosMisawa



A vida passa em passos silenciosos,
como a brisa que atravessa o entardecer.
Mal percebemos os dias apressados,
e já são memórias a florescer.

Ontem havia sonhos nas janelas,
e um horizonte inteiro por alcançar.
Hoje há marcas suaves nas mãos,
e histórias que o tempo veio bordar.

Cada estação deixa seus vestígios:
a primavera das primeiras paixões,
o verão intenso das descobertas,
o outono das profundas reflexões,
e o inverno sereno das compreensões.

O tempo não leva apenas os anos.
Leva pressas, ilusões e vaidades.
Em troca, oferece um olhar mais calmo,
a sabedoria das simplicidades,
e a beleza escondida nas verdades.

Há um encanto discreto em envelhecer.
Não o encanto dos espelhos,
mas o das lembranças que permanecem,
dos afetos que vencem a distância,
e dos abraços que desafiam o esquecimento.

Aprendemos que a felicidade
raramente mora nos grandes acontecimentos.
Ela habita o café compartilhado,
o riso espontâneo, a conversa tardia,

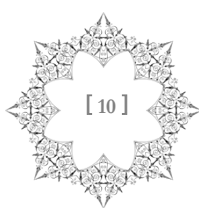
o amor que permanece após a tempestade.

E assim seguimos, dia após dia,
coleccionando amanheceres e despedidas.
Porque viver não é contar os anos,
mas permitir que os anos contem sua história
através daquilo que fizemos da vida.

Quando o último sol tocar o horizonte,
que não nos pesem os caminhos percorridos.
Que reste apenas a gratidão
por cada pessoa amada,
por cada sonho vivido,
por cada recomeço consentido.

Pois o tempo é um rio que não retorna,
mas deixa em suas margens
as flores, os frutos e as sementes
de tudo aquilo que verdadeiramente amamos.

E talvez seja esse o maior segredo:
a vida passa para todos,
mas somente permanece
naqueles que aprenderam a transformar
o tempo em amor, memória e luz.



APRESENTAMOS

TEMPO DAS PANEIAS DO REI SALOMÃO

POR ALEXANDRE DE LIMA E LIMA COLETE

X

Alexandre é um jovem simples, nascido e criado em Curitiba-PR, teve sua vida familiar humilde. No colégio e demais atividades realizadas durante a infância e adolescência, sempre teve um certo destaque. Atualmente segue uma vida tranquila, tendo seu estágio e cursando o ensino superior em estatística na UFPR.

X



Em meu apartamento
Houve um acontecimento
Foi tão sem igual
Tão fora do banal
Na cozinha eu pairava
Meu ser não sonhava
Era pouca emoção
Pois em outrora
Aquilo que passara
Foi dor, ilusão;
Logo não fantasiava.
E quem imaginava
Que minhas panelas
Pudessem ter falas
“Nós éramos belas,
Somos de cobre
E hoje, nem nobre”
Chorou o empoeirado fervedor
“Fomos do grande sábio,
Agora dum tolo sofredor
Que mal ganha salário”
Zombou de mim, o caldeirão
“Se acalmem! Salomão
Ainda há de aparecer,
Por isso quero viver.
Pela esperança,
verei a bonança;
Mesmo sem eira,
tampouco beira”
Disse a chaleira
E tive de declarar
“Não escolhi este lugar

Ou vos para cozinhar.
Outro vocês tem que achar
Para a culpa colocar.
Eis-me aqui pois
O que foi dois,
Iludiu-me depois,
E o tempo
Foi cruel.”
“Tanto o nosso tempo
Ouviu desse fel,
que sabemos como é
Valer menos que um relé;
Vimos essas ladainhas
Em tantas outras cozinhas
Que para nos, nada tu é”
Elas cantaram,
De Zé ninguém
Me nomearam.
Nessa paisagem
Prosseguiu uma discussão
Até se intrometeu o fogão
Que foi expulso com palavrão.
E veio uma conclusão:
“O tempo foi maldição,
De nos tirou o Salomão,
Com fatal separação”
E ao som da reclamação
Chegou o tempo em aparição.
“De mim vocês falam
Dizendo maldades,
Más qualidades;
Mas agora se calam.
Pois quero que vejam

Só trouxe possibilidades
A vós metais
Sem outros iguais
O ideal seria
Que, o aconselharia,
Com sabedoria
O alimentaria, e ele enriqueceria.
A você de carne:
Já acabou Marne
Pare com o sofrimento
Dê lar a um novo fermento
Deixe a minha parte concreta
Não ser a sua predileta.
E no contrário
Que disse, vaio:
'bando de hipócritas,
Só falam lorotas”



APRESENTAMOS

O AMOR QUE TIVE PELO TEMPO

POR ARCTURUS MISSIS

Arturus Missis há muito tinha pensado que estava perdida, ela é atualmente apenas mais uma estudante universitária do segundo ano e tudo o que possui, além da sua família e da imaginação é o desejo. Nunca publicou nenhum livro, ou qualquer coisa, apenas escreveu, como muitos outros. A senhorita é comumente escritora de poemas e escreve há muito tempo. Faz três anos que tentou sua primeira competição literária e só recentemente sentiu novamente uma chama de esperança para sua alma poetisa. Mas mais do que isso, ela busca um caminho para que sua escrita não fique escondida e para que todas as palavras que ela já escreveu encontrem alguém que se sinta cativado.

O tempo não bate com o amor
Eu descobri quando o tempo passou
E meu amor ficou.

Ele está lá
E eu aqui
O problema é que lá é tão distante de mim.

Pare,
Pare o tempo,
Pare o amor
Pare o que dói depois de partir.

Como ficou,
Como ficou o tempo,
Quando seu amor parou.

O vento soprou,
O outono chegou
E o inverno passou.

O amor se congelou,
Murchou
E se soprou.

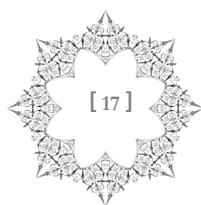
O que deixou,
Deixou o tempo desistir
Desistir de amar, o que nunca amou.

O tempo passou,
Ele me deixou.

Eu amei,

Amei o tempo,
Mas ele partiu para bem longe.

E o tempo não curou o amor,
Assim como o amor
Não curou o que o tempo viu e deixou.





APRESENTAMOS

O TEMPO CURA AS FERIDAS POR ARCTURUS MISSIS



Arturus Missis há muito tinha pensado que estava perdida, ela é atualmente apenas mais uma estudante universitária do segundo ano e tudo o que possui, além da sua família e da imaginação é o desejo. Nunca publicou nenhum livro, ou qualquer coisa, apenas escreveu, como muitos outros. A senhorita é comumente escritora de poemas e escreve há muito tempo. Faz três anos que tentou sua primeira competição literária e só recentemente sentiu novamente uma chama de esperança para sua alma poetisa. Mas mais do que isso, ela busca um caminho para que sua escrita não fique escondida e para que todas as palavras que ela já escreveu encontrem alguém que se sinta cativado.



O tempo cura as feridas.

Mas não espere que ele venha trazendo band-aids

Não espere que ele carregue o álcool e desinfecção à ferida

O sangue parará sozinho, enquanto suas células trabalham na reconstrução do seu corpo.

Você será sua própria cura.

E você fará isso.

Mas você precisará de *tempo*

Porque os melhores remendos são feitos com calma.

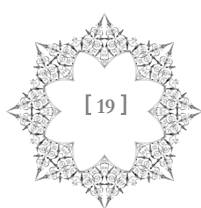
O tempo cura as feridas

Mas você dará os pontos

E só você poderá escolher qual será o remédio para sua dor.

O tempo é a solução,

Mas não é o processo.



APRESENTAMOS

SE O TEMPO FOSSE UMA PESSOA, ELE ESTARIA QUEBRADO

POR ARCTURUS MISSIS

Arturus Missis há muito tinha pensado que estava perdida, ela é atualmente apenas mais uma estudante universitária do segundo ano e tudo o que possui, além da sua família e da imaginação é o desejo. Nunca publicou nenhum livro, ou qualquer coisa, apenas escreveu, como muitos outros. A senhorita é comumente escritora de poemas e escreve há muito tempo. Faz três anos que tentou sua primeira competição literária e só recentemente sentiu novamente uma chama de esperança para sua alma poetisa. Mas mais do que isso, ela busca um caminho para que sua escrita não fique escondida e para que todas as palavras que ela já escreveu encontrem alguém que se sinta cativado.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele seria um gênio,
Nunca conseguindo ficar parado,
Mas não conseguindo acompanhar as pessoas a sua volta,

Ele teria poucos amigos.

E poucos dos poucos que o valorizam.

Ele seria uma bagunça,
Com censo de organização infalível.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele provavelmente estaria perdido em si mesmo.
Por que se não, onde devia ele se encontrar?

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele olharia no espelho e veria um reflexo quebrado,
Um reflexo que nos quebramos.

Ele estaria chorando,
Por exigirmos mais dele.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Não seria só o reflexo dele que estaria quebrado.

Ele olharia para os lados e se encolheria,
Todos querem mais um pedaço de seu corpo

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele estaria sobre preço o tempo inteiro.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele nunca seria o suficiente,
Não para outros
E nunca para si mesmo.

O tempo nunca descansaria,
Por achar que nunca é o suficiente,
Por achar que sempre tem que dar mais,
Por pessoas querem quebrar e pedir MAIS de sua essência.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Nós veríamos olheiras em seus olhos,
Nós veríamos seus cabelos bagunçados,
Nós veríamos que ele tem respostas na ponta da língua,
Nós veríamos seus olhos opacos.

Mas nós nunca veríamos ele fraquejar,
Nós nunca veríamos ele parar.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele teria a resposta para quase tudo,
Mas não teria uma resposta para seu desespero.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele seria o ser humano mais paciente que já existe.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele seria a pessoa mais odiada que conhecemos,
Não incluindo nosso próprio ódio nesse conhecimento.

Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele seria o ser humano que mais precisa de ajuda,
O ser humano que mais anseia por companhia,
E o ser o humano que mais se perdeu no mundo.

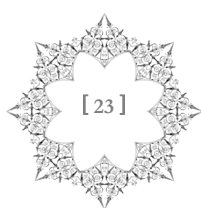
Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele estaria sozinho,
Sozinho em um mar de pessoas que querem mais de seu corpo,
Num mar de pessoas para qual ele nunca será o suficiente.

E mais,
Se o tempo fosse uma pessoa,
Ele nunca teria tempo para si mesmo,
E olha a ironia, até o Tempo não está tendo tempo.

Mas se o tempo fosse um espelho,
Nós nos culparíamos por tudo,
Por que do outro lado do espelho,
Nós somos tudo o que vemos.

Porque o tempo está sozinho,
Porque o tempo é odiado,
Mas o pior,
O tempo nunca, NUNCA é o suficiente.

Porque NÓS fizemos isso.
Nós fizemos isso com nós mesmo e com o tempo.



APRESENTAMOS

SE O TEMPO FOSSE UMA PESSOA, NÓS NÃO O AJUDARÍAMOS

POR ARCTURUS MISSIS

Arturus Missis há muito tinha pensado que estava perdida, ela é atualmente apenas mais uma estudante universitária do segundo ano e tudo o que possui, além da sua família e da imaginação é o desejo. Nunca publicou nenhum livro, ou qualquer coisa, apenas escreveu, como muitos outros. A senhorita é comumente escritora de poemas e escreve há muito tempo. Faz três anos que tentou sua primeira competição literária e só recentemente sentiu novamente uma chama de esperança para sua alma poetisa. Mas mais do que isso, ela busca um caminho para que sua escrita não fique escondida e para que todas as palavras que ela já escreveu encontrem alguém que se sinta cativado.

Se o tempo fosse uma pessoa
Nós olharíamos para ele e não falaríamos nada.

O que falaríamos?
Se não mais do que isso?

Nós pediríamos mais dele?

Ele poderia se quebrar,
E pouco nos importariamos.

Nós olharíamos ele chorar,
Nós olharíamos ele se perder,
Nós olharíamos ele perder seu sentido,
Nós olharíamos ele perder sua cor.

Nós olharíamos seus remendos,
Suas feridas,
Mas nós nunca ajudariamos.

Nós gritariamos,
Em sua maioria.

E em sua maioria,
Nós nem o olharíamos.

Por que devíamos?
Ele não nos tirou tudo?

Felizmente,
O Tempo não é uma pessoa

Nem tudo é culpa do Tempo
Se há uma culpa.

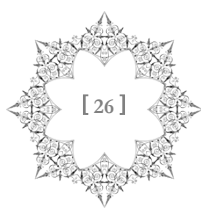
Nós normalizamos a triste
E generalizamos a culpa.

Nós nos tornamos apáticos
Egoístas
E agressivos
Então culpamos nossas más experiências
E culpamos o Tempo.

Não o coitado
Mas o ser,
Uma entidade viva
Alguém,
Que precisava de ajuda.

Nós o culpamos
Nós o ignoramos
Nós sabíamos
E não ajudamos

Acho que essa é a pior parte.





APRESENTAMOS

ALÉM DOS RELÓGIOS

POR CÉLIA LOPES



Célia Lopes é professora, escritora e poeta brasileira, dedicada à literatura sensível e humanizadora.

Sua escrita transita entre poemas, crônicas, reflexões e histórias infantis.

Valoriza temas como pertencimento, inclusão, empatia e diversidade.

Busca tocar crianças, jovens e adultos por meio de narrativas acolhedoras e inspiradoras.

Participa de antologias, projetos literários e iniciativas de incentivo à leitura.

Também assina algumas de suas obras sob o pseudônimo Aurora Lume.

Acredita no poder das palavras como instrumento de transformação, esperança e conexão humana.

Instagram: @celialopes1307

E-mail: cflbatista@gmail.com



O tempo não mora apenas
nos ponteiros cansados do relógio,
nem nas horas alinhadas
sobre paredes silenciosas.

Ele habita os instantes
que ninguém consegue medir.

Mora na saudade
que atravessa décadas,
na espera longa
de um coração aflito,
e naquele abraço breve
que permanece eterno na memória.

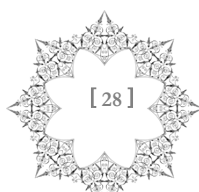
Há dias que passam leves,
como pássaros atravessando o céu.
E há minutos densos,
que repousam dentro da alma
por uma vida inteira.

O mundo conta calendários.
A alma conta transformações.

Por isso, às vezes,
envelhecemos em silêncio
dentro de uma única dor.
E outras vezes renascemos
em uma simples manhã.

Talvez viver seja isso:
aprender que o verdadeiro tempo
não está no que passa...

mas no que permanece em nós.



APRESENTAMOS

PRESENÇA DO TEMPO

POR CLAUDIA REGINA

Claudia Regina é escritora, poeta e Engenheira de Produção, com formação em Análise e Processamento de Dados e pós-graduação em Neuropsicologia. Sua escrita transita entre sensibilidade humana, natureza, espiritualidade e desenvolvimento pessoal, explorando temas como presença, raízes, tempo e transformação interior. Participa de movimentos culturais, clubes de leitura e projetos literários independentes, construindo uma identidade artística conectada à contemplação e às experiências humanas.

O tempo não chegou fazendo barulho.

Não abriu portas,
não pediu licença,
não trouxe respostas imediatas.

Apenas ficou.

E, aos poucos,
foi retirando excessos:
as pressas,
as máscaras,
os ruídos que me afastavam de mim.

Durante muito tempo,
achei que viver era correr atrás do que faltava.

Mas o tempo
silencioso e paciente
me ensinou outra linguagem.

Hoje entendo:
há presenças que só nascem depois das perdas,
há raízes que só aprofundam depois das tempestades,
há silêncios que curam mais do que palavras.

O tempo não levou tudo.

Deixou aquilo que era verdadeiro.

E entre ciclos, despedidas e recomeços,
aprendi finalmente a permanecer.
Não no passado.

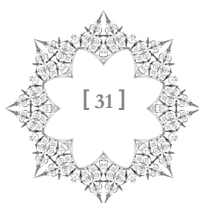
Não na expectativa.

Mas aqui.

Inteira.

Sentindo a própria existência florescer devagar,
como árvore que descobre,
somente depois das estações,

a força invisível das próprias raízes.



APRESENTAMOS

ODE AO POVO LUSITANO POR COSMOGENEALOGIA

Cosmogenealogia prenuncia o estudo sistemático e multidisciplinar que pretende estudar a origem, destino e natureza da Humanidade Terrestre, para além da condição física e circunscrita ao Planeta Terra, para além disso, relembra e resgata nossa condição de espíritos livres, energia quântica condensada, luz concentrada, enfim, Seres Cósmicos e Universais. Cosmogenealogia trata de espiritualidade em alto nível tendo como assunto vertical a transição planetária; todos os tomos, 4 no momento, estão disponíveis para download gratuito nesse mesmo perfil do Instagram. Ode ao Povo Lusitano compõe a obra, tomo III, tópico 15, é um poema de profunda inspiração e fala do passado, presente e do futuro.

Soneto I – O Eleito e a Árvore da Vida

Uma homenagem ao Povo Lusitano será sempre justa e aprazada.
Portugal, o mais pobre dentre os maiores, foi o benquisto, o escolhido.
Quis Deus dar guarida, fosse o destino resolvido, com o menor e menos abastado,
determinou: foste tu, Portugal, a pátria mãe querida, 'Vá descobrir o Brasil!'

Que haverá de ser, dentre os grandes, o maior, dentre os gigantes o mais varonil.
Pois foi pra lá, em terras tupiniquins, Jesus confidenciou, Ele próprio, a Helil,
haverei de transplantar a Árvore da Vida, o Meu Evangelho redivivo,
o que torna novo todas as coisas velhas, e o que era morto à vida.

Que gigante, que colosso, que país é esse em forma de coração.
Corre aqui o seio da Vida verdadeira, na memória e devoção, de toda a nação brasileira.
De cada mente, cada corpo, eis aí o arcabouço do Meu plano de expansão.

Pois Eu que glorifico, ponho Ordem onde não havia e o Progresso onde jazia
o Amor, que brota em Mim, derramo em vós. Vá, Povo Brasileiro, confia,
ergue o buço e desafia o pranto e a faina dos corruptos e vendilhões.

Soneto II – O Tempo da Justiça e a Vendita

O terreiro dos ladrões não há de ser maior que o palácio dos justos.
Onde habita a Justiça e a Verdade não há de haver espaço para a desdita e o traiçoeiro.
Eu que constituí o Mundo inteiro trago o fogo e a espada.
E desde já vos digo, eis que é chegado o Tempo da Vendita.

O justo pranto dos corruptos haverão de confrontar o riso dos inocentes.
Pois que já chego e tenho pressa que esse fogo se consuma.
Que se separe a água do vinho, a erva daninha da terra pura.
As naus que singraram os mares de outrora, agora voam nos céus, nos amplos espaços de meu quintal.

Eis que chegam e já se aportam milhares de filhos do Meu trigueiral.
Hão de aqui ensinar o Povo a fazer o pão da Vida Fraternal.
Eu que aplaino a onda do mar; amaino o vento do ar; retiro o monte daqui pra lá;

Arranco o ódio e insufla o Amor. Ordeno e declaro, faça-se a Ordem e cumpra-se a Lei.
Que em verdade vos digo, nem tarda, nem falha.
Já vem a galope no tropel dos Santos Anjos do Céu com suas espadas afiadas, e seu corte de navalha.

Soneto III – O Galope dos Anjos e a União Eterna

Eis que já escuto suas trombetas, guardai seus filhos, recolham as estatuetas.

Pois que venceu o tempo do meio, agora junto o fim com o começo.

Pois que agora nada valem o pranto surdo dos falsetas.

Para os justos um novo começo, para os recalcitrantes a pedra de tropeço.

Hão de refazer o mesmo caminho para achar de novo o mesmo endereço.

Meu caminho é reto e suave, o Meu jugo é leve e manso. Siga pela porta estreita,

Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim.

Vá em frente e adiante, Te encontro mais à frente, Te aguardo desde já, a qualquer instante.

Em Mim terá o remanso, a paz e o acalento, que vos prometi e providencieei.

Digo-vos já está tudo pronto. Vinde a Mim todos vós, os que sofreram na dor e se resignaram na injustiça e humilhação.

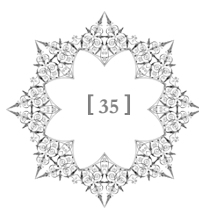
Eu que faço, determino e Tudo acontece, digo: faça-se a Luz, e a Luz se fará;

Faça-se a Paz agora, doravante e para todo o Sempre.

Ninguém separa o que Deus ajuntou. Portugal e Brasil são um só povo.

Um oceano é pouco. Ambos são um mesmo corpo e nele bate um só coração.

Viva o Povo Lusitano, viva o Povo Brasileiro! O resto o tempo dirá!



APRESENTAMOS

TEMPUS

POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nasci em Belém/PA, mas fui criada em Brasília/DF, sou Servidora Pública Federal e dedico-me à literatura como espaço de liberdade, memória e transformação. Escrevo poesias, microcontos, contos, literatura infantil e crônicas, explorando afetos, pertencimentos e os mistérios da experiência humana. Também me dedico aos estudos simbólicos como taróloga e oraculista. Integro coletivos literários e revistas digitais, com trabalhos publicados em mais de trinta antologias. Em 2026, lançarei obras na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

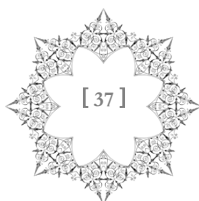
Eu vi o tempo indo embora
Há pouco cruzou a linha da vida
Tão depressa que o café esfriou
Como se nunca tivesse sido vivida

Vívidas, memórias doídas
Encarceradas na encruzilhada da mente
Agora libertas transitoriamente
Pela minha impaciência distraída

Eu vi o tempo indo embora
Carregava consigo sua efemeridade
Típica, mas que eu nunca aceitara
Foi levando com ele minha sanidade

Ele partiu de vez
Encerrando seu ciclo infinito
Pude vê-lo acenando para mim
Doeu-me, ali jazia meu fim

Certo dia abri os olhos
Ele estava pertinho de mim
Sorrateiro, disse-me assim:
Descobriu o segredo da vida?
Não! Você me enganou!
A verdade é que você nunca passou!





APRESENTAMOS

REVOLUÇÃO PROGRAMADA

**POR JOSÉ DOUGLAS ALVES DOS SANTOS
(DESMISTIFICADOR DE DÁLIAS)**



Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pedagogo e mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisador do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA) e Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Escritor fatimense, cinéfilo, observador de nuvens e Desmistificador de Dálias.



Esperando não se sabe o quê,
Não se sabe quando.
Sequer sabemos onde
Tampouco sabemos como.

Estamos sempre,
Sempre esperando.
E não passa com o tempo,
O tempo apenas vai passando.
Aqueles escolhas que antes fazíamos
Agora já nem lembramos.
Porque o tempo passa...
E dentro dele, nós,
Nós também passamos.

Enquanto isso, ficamos:

Esperando não se sabe o quê,
Não se sabe quando.
Não sabemos onde
Ou mesmo como.

Ainda assim, continuamos...

E não passa com o vento,
Dentro da gente continua rondando.
Aqueles memórias de um tempo recente,
Que olhando agora nos parece tão distantes.
Talvez porque éramos jovens de espírito,
E hoje ao procurar não encontramos.
Enquanto isso, ficamos:
Esperando não se sabe o quê,

Não se sabe quando.
Nem mesmo onde
Ou sequer como.

E assim continuamos...

Perto dos holofotes,
Longe dos estranhos;
Sorrindo para as câmeras,
Sem saber do que estão falando;
Rindo de velhas piadas preconceituosas
Sem entender o que significa estado quântico;
Deixando a vida se esvair por entre os dedos...
Enquanto ainda estamos fazendo outros planos.

[...]

Deixamos a vida se esvair entre os nossos medos
Enquanto ainda fazemos os mesmos planos.

Continuamos...

Explodindo Gaza,
Queimando o Pantanal;
Sofrendo pela falta d'água
Ou pelo excesso de mais um temporal;
Buscando por explicações lógicas
Antes de perguntar à Inteligência Artificial:
“Será que isso é tudo o que somos?!”,
Mas... O que somos, afinal?

[...]

Deus ex machina,
De um modo literal.

Assim nós ficamos,

Esperando não se sabe o quê,
Não se sabe quando.
Ou onde, por quê?!,
E nem como.



APRESENTAMOS

CAFÉ E PROSA

POR EDINEY LINHARES DA SILVA

Escrever é a essência que me identifica, refaz e ressignifica. De certo, não seria eu mesmo sem meus pensamentos e histórias para contar, os conselhos para dividir e as reflexões para compartilhar. Essas letras e palavras também sou eu, mas as vezes sou os sinais, as reticências, geralmente. Nas caixas que costumam nos separar assumo os rótulos de assistente social, doutorando em saúde coletiva, professor universitário, mas fui filho de pais que sempre vou amar e sentir falta, sou irmão, tio, sou amigo, sou amor de pessoas que me fazem bem. E é isso o que importa.

Eu não sei o que aconteceu com o passar do tempo.
Havia momento em que a gente só sentava na calçada
E ria, e via a vida passar.
Até comia, lia, conversava.

Não sei se é perda de costume.
Costume de juntar, de aproximar, de compartilhar coisas.
Coisas boas, coisas bobas, coisas ruins.
Como assim não vemos mais isso por aí?

Ai de mim não lembrar dos meus pais fora de casa ao anoitecer...
Tempos bons, saudade boa.
Não à toa,
Todos ali a interagir.

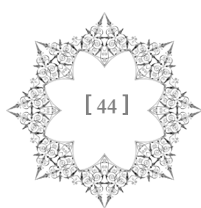
Como num passe de mágica o relógio parou.
Soou estranho esse afastamento
Que hora silencia,
Hora isola.

Isola o novo, isola o velho
E qual o mistério de não se manter mais esse achegamento?
Opção ou descontentamento?
Orgulho ou desejo de colocar toda uma história no esquecimento?

Bom, eu não sei.
Sei que sinto falta.
Falta das horas a fio ouvindo,
Não importa qual assunto.
Cabia ali um mundo
E era isso que seria bom ter de volta.

Para muitos isso não é relevante,
Mas pare um instante e pense em todas as vezes que pessoas idosas falam do passado...
Dá para encher os olhos.
Vamos até para outro mundo.
Um eu nosso do passado.
Não há nada tão bonito.

Na verdade, há sim!
Há o bom e o não tão bom assim que a memória fez lembrar.
Há o encontro e a risada,
Há o abraço e o confortar (de alento).
Há histórias e momentos,
Tudo a se compartilhar num simples café e prosa de fim de tarde (ou de anoitecer)!



APRESENTAMOS

TRANSCURSO POR FRANCINALVA MUNIZ

Francinalva Alves de Sousa Muniz é Pedagoga, Escritora e Poetisa brasileira. Nascida em vinte e quatro de novembro de mil novecentos e setenta e cinco, em Pedreiras - MA, é admiradora das três gerações românticas e de suas diferentes características melancólicas, introspectivas e pessimistas - principalmente quanto aos temas do amor romântico, interrogações sobre a morte e o descontentamento das injustiças sociais. É membro da Academia Bacabalense de Letras, ocupando a cadeira nº 24, cujo patrono é o Prof. Matias Brito. Selecionada em antologias de poesias eróticas e românticas. É autora de Por Alguns Minutos, Eles, Mordomos do Mundo-Ecopoesias.

O vento passou
Manhã, tarde e noite
O que ficou?
O relógio não parou
Mas meu mundo, muita coisa mudou...

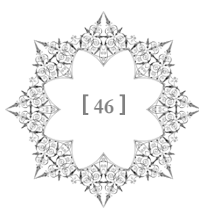
Passado, presente, ainda sou?
Sigo no tempo do tempo
Traços da vida, o que modificou?

Vejo no espelho...

O tempo que pediu passagem
E o tempo que não quis passar
Ou retornou incerto na noite fria
Ou na tarde de um sol vermelho

Ouçó a música de outrora
Volta o tempo do sentir que me encantou
Volta o tempo do sentir do sonho do alguém
Que junto comigo, sonhou

Reflexões dos anos
Que os dias não souberam dizer
De coisas que se teve e não se teve medo
E de que se teve receio de deter
De perceber o tempo fazer o trabalho
No ritmo intenso da vida, filtrar
O que a pressa não conseguiu fazer





APRESENTAMOS



O TEMPO NÃO PODE APAGAR

POR JEANNE CRISTINA



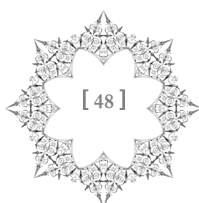
Jeanne Cristina Farias Santos Lima é Baiana, malhadense, casada, mãe de duas meninas e de dois meninos, educadora há mais de 20 anos, pedagoga, psicopedagoga, graduanda em Ciências Sociais, organizadora do Projeto CriArte's (com oficinas literárias, produção artística e cultural) e idealizadora de muitos projetos voltados para a literatura.
Contato: crisjeanne@hotmail.com



O meu tempo de infância
guardo sempre na memória
são laços, afagos, lembranças,
brinquedos e brincadeiras
palavras, cantigas de roda
poesias, versos e enredos,
escritos com letras coloridas
que marcaram minha história.

O tempo da minha infância
O passado não pode apagar
marcado nas areias do rio,
nas estrelas da noite escura
nos sonhos de criança
gravados nas nuvens do céu,
nos frutos das estações
guardados com toda ternura
presentes na minha lembrança.

Se o tempo pudesse voltar
não o deixaria passar
bordava com fios de ouro,
guardava como um tesouro
no baú da esperança
e a todos um dia contar,
sem ter medo de expressar
a minha vida da infância
que o tempo não pode apagar.



APRESENTAMOS

AS 24 HORAS DA VIDA

POR JÉSSICA LOPES

Nasceu em Palmital PR e atualmente vive em Curitiba PR. Sempre amou leitura, poemas e música. Engenheira Florestal, Mestre em Agroecologia e graduanda de Licenciatura em Física. Apaixonada por educação. Escreve poemas sobre escola, física, amor e sentimentos pessoais.

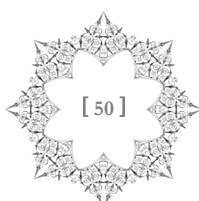
Acordei às 5 da manhã e tinha orvalho. Eu arrumava a casinha imaginária que meu pai construiu, fazia comidas de areia e os penteados da minha boneca. Muitos banhos de cachoeira, a primeira fratura, cantos de domingo, procissão de semana santa, árvore-de-natal, o bolo da mãe e o pudim da vó. Senti o cheiro de livros da primeira escola. Eu achava bonita a primeira professora.

Às 10 da manhã, mesmo distraída e sem dar muita importância, senti o frescor da juventude. Os cabelos brilhando, os olhos sempre admirados, os sonhos irradiando no peito, o livro pré-vestibular, o tempo se olhando no espelho, o riso fácil, a rebeldia. E o que é uma noite em claro? Os ídolos, o último dia de aula e o último ano de catequese. E eu queria ser astronauta.

Era meio-dia, e eu cheguei no primeiro dia de aula na faculdade. Foi a primeira vez que a sensação de medo não tinha o afago da presença da mãe. Foi encantador o espaço da sala, as equações, a cantina com pão de queijo, as noites com os grupos de colegas que nunca soube quando foi a última vez, a primeira decepção, a primeira vez que vi uma olheira no espelho, o palco da formatura, o tempo na estrada. E eu sonhava em fazer uma máquina do tempo.

No sol das 15, já não tinha orvalho da manhã para refrescar, o tempo já não era mais tão amigo, mas felizmente, eu fiz as pazes com isso tomando um chá da tarde com o bálsamo da maturidade, sob a sombra dos talentos já aprimorados que amenizaram muito bem o calor. Eu sabia que a manhã tinha passado, e que não me despedi da boneca, nem da professora, não era astronauta e que não havia construído a máquina do tempo. Colecionei adeus que não disse, mas, de forma geral, estava convicta de que me saí bem.

E eu não tinha mais medo da noite. Afinal, quando o relógio marcar 6 da tarde, eu poderei ver de novo o orvalho, e na última badalada da meia-noite eu já saberei se construí a máquina do tempo.



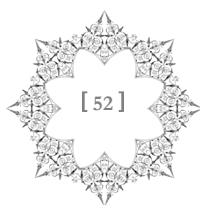
APRESENTAMOS

MOMENTO ÚNICO

POR KELLY CRISTINE BARROS DE SIQUEIRA GALEB

Educadora e escritora, é graduada em Pedagogia pela UFPE. Com uma produção que abrange desde microcontos a sonetos clássicos, dedica-se à literatura como forma de transformação humana. Possui textos premiados e selecionados em diversas antologias literárias, aliando a prática pedagógica à sensibilidade poética.

O criador fez da criatura o animal
Pensante amante, grande ao relento
Poeira estelar que viaja pelo tempo
Tempo raso, rápido e sem piedade
Era tudo pangeia, hoje metade
Uma parte que se afasta da outra
Um oceano de espaço
Espaço e tempo que não se combinam
Que não se encontram, que desmontam
Se tudo está se expandindo
Por dentro que é tão pequeno
Tudo segue explodindo
Percebo que tudo muda
Até eu...
A que começou escrever já viveu



APRESENTAMOS

ACEITAÇÃO

POR KELLY CRISTINE BARROS DE SIQUEIRA GALEB

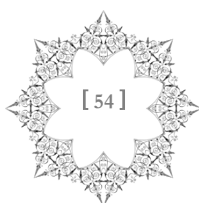
Educadora e escritora, é graduada em Pedagogia pela UFPE. Com uma produção que abrange desde microcontos a sonetos clássicos, dedica-se à literatura como forma de transformação humana. Possui textos premiados e selecionados em diversas antologias literárias, aliando a prática pedagógica à sensibilidade poética.

A gravidade brinca com eterno
Nele ando e choro com pressa extrema
Cinzas descem num profundo lema
Lutar na descida cair no inferno

Um pranto de agonia latente dor
Escuro mas brilhando no final
Estreito, grande com luz no quintal
Rosas balançam num baú de flor

Viro o tempo, nasce esperança
A rosa se retorce sai do chão
Engulo sal do rosto como vingança

O meu choro escreve minha visão
A areia tornou-se confiança
A rosa está segura na mão



APRESENTAMOS

RUA DIREITA EM OURO PRETO

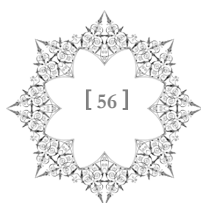
POR LUCAS MIGUEL TEIXEIRA

Nasceu em Queixada, MG. Formado em Artes Visuais e História. Trabalhou para SESC ARSENAL/MT e SESC AP, no Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, produtor artístico do cantor Pereira da Viola e outros artistas. Autor de capas de livros e cds "Mucunã e PENA BRANCA ao Vivo", Cd Terra Boa - Pereira da Viola, Livro Vinho & Vertigem - Claudio Bento e "O Negro no Brasil desde a abolição da escravatura. Prêmio Patrimônio Cultural da Cidade de Pojuca-BA pelo Jornal Cultural Terceira Margem em parceria com o poeta Arles Valle e com Álvaro Faleiros, foi membro do conselho editorial da Revista Transes(Guiana Francesa).

Tem um rapaz
de camisa azul marinho lacost
gravata bege hugo boss
combinando com a calça bege
sapato cromo alemão
com uma agenda na mão
e uma caneta de bico prateado

uma carteira de cigarro no bolso
um relógio dourado
um telefone pendurado na pele
e fios horizontais no semblante:

olhando as coisas do hippie.



APRESENTAMOS

PROSOPOMINAS

POR LUCAS MIGUEL TEIXEIRA

Nasceu em Queixada, MG. Formado em Artes Visuais e História. Trabalhou para SESC ARSENAL/MT e SESC AP, no Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, produtor artístico do cantor Pereira da Viola e outros artistas. Autor de capas de livros e cds "Mucunã e PENA BRANCA ao Vivo", Cd Terra Boa – Pereira da Viola, Livro Vinho & Vertigem – Claudio Bento e "O Negro no Brasil desde a abolição da escravatura. Prêmio Patrimônio Cultural da Cidade de Pojuca-BA pelo Jornal Cultural Terceira Margem em parceria com o poeta Arles Valle e com Álvaro Faleiros, foi membro do conselho editorial da Revista Transes(Guiana Francesa).

A roda do
Carro de boi
Engrenada em carne e osso
Sobe
Rangendo a ladeira sonora

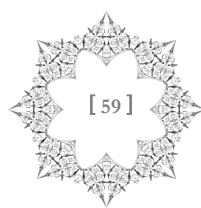
As rodas d'água
Dos doces engenhos de garapa
Lambuzam a barriga
Caldo doce de infância

As portas
da casa velha avarandada
da Fazenda Borá
nos confins de Minas
descansam em suas taramelas horizontais
Mestre Vitalino
nas camas de taquara, palha de milho e paina

os sonhos
amortecem relentos na brisa
a chuva
o sono lavrado das colheitas
roncam nas montanhas
as pingueiras da cumunheira
musical de goteiras
compasso instrumental da vida

a velha maria-fumaça
empoeirando olhares profundos
deslizam serenamente a tristeza do lugar
carrilhar de melancolia da antiga baiminas

os vagões carregados de bananas e ilusões
passam no entardecer amassado do por-do-sol
tarde lilás
crepúsculo triste
alma do interior





APRESENTAMOS



O TEMPO E SUAS TRAMAS

POR MARILU F QUEIROZ



Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras.

Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



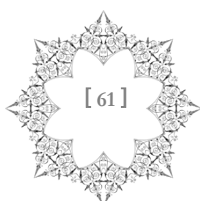
O tempo, esse mistério que não se pode ver,
desliza entre os dedos como areia a escorrer.
É um rio sem volta, sempre a nos conduzir,
é como ciclo eterno, que nos incita a refletir.

A vida é um sopro, instante a se despende...
Cada escolha feita é um caminho a percorrer.
Em meio ao turbilhão de emoções a sentir,
o coração navega, sem nunca poder desistir.

Há tempo para amar, também para sonhar,
momentos de glória, que nos faz despertar.
O ontem se foi, não tem mais como mudar...
Só resta o agora, feito para nos reinventar.

Pensamentos voam, são pássaros ao vento,
decisões tomadas, são marcos pelo tempo.
Quando o sol se põe, e a noite vem nos cobrir,
o que foi decidido, não tem como destruir.

Portanto, meu amigo, use bem cada segundo,
aproveite a jornada, com um olhar profundo.
O tempo é professor, sempre guia no existir
e durante sua passagem nos ensina a sorrir.



APRESENTAMOS

TEMPO INVERNO!

POR RAÍSSA PAULA SENA DOS SANTOS

Raíssa Paula é assistente social, escritora iniciante, potiguar, casada, mãe de gêmeos, amante da leitura e da escrita. Escreveu seu primeiro poema aos 16 anos, intitulado A rosa de Hiroshima, que está presente em um livro coletivo organizado pela Escola Cooperativa de Parelhas, chamado “De mãos dadas com a vida”. Foi colunista de um jornal local Folha Parelhense em 2011, coautora do espetáculo Temos histórias para contar, dirigido por Matheus Giannini e autora do poema “Florir, apesar da violência”, na Coletânea Poesia contra o ódio, da editora Visgarolho.

Tempo, num se avexe não!
Fica aqui, nesse exato momento
Só mais um pouquinho
Pode me dar atenção?

Quando eu era criança
Você passava devagar
Eu queria adulta virar

No palco do adolescer
Dancei, atuei e brinquei
Amei, chorei e magoei
Você, mal via
E tudo o que eu podia,
Aproveitei.

Ô Tempo, não desapareça não!
Agora que estou adulta
Sinto que você paralizou
As pessoas dizem que não.

Encontro-me, entre
as lembranças do passado
as ausências do futuro
E o presente nublado.

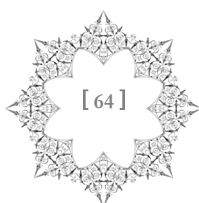
Tempo, eu te peço perdão.
No desembarque da estação do inverno
Hoje eu sei
O quanto você é importante
O quanto atenção, não te dei

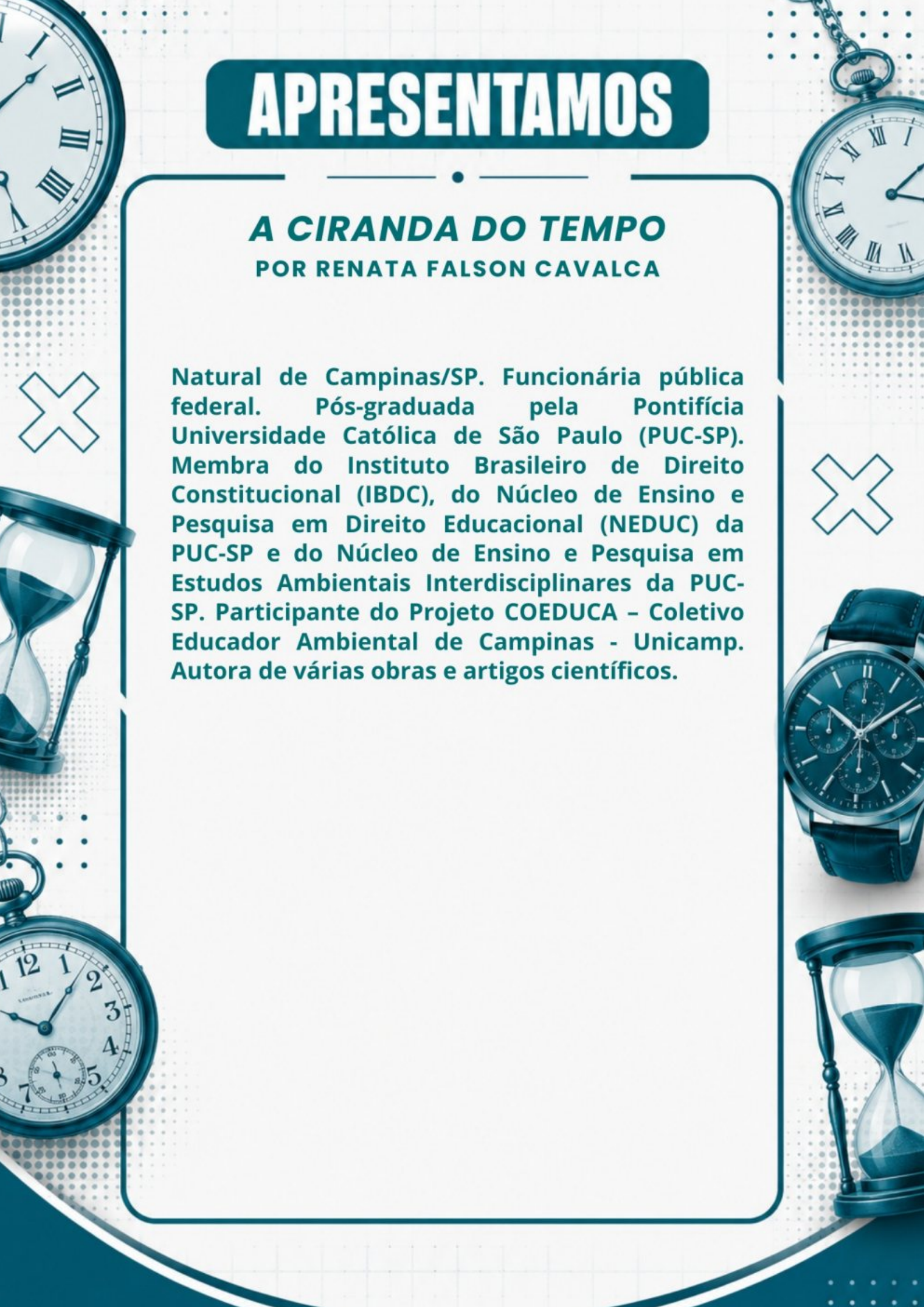
Por isso eu te peço, Tempo
Volte o ponteiro àquele momento
Eu preciso tomar uma decisão
Eu preciso abraçar por mais um momento

Quero confiar no abraço paterno
Quero ouvir as risadas dele
Quero ficar mais um bocado
E dizer aos convites de graça, aceito!

Provar o caldo de mocotó,
mais uma vez,
Ouvindo Raul Seixas cantando
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez

Tempo, num se avexe não!
Atenda ao meu pedido
depois você parte,
segue seu destino
E eu fico aqui, nesse (des) atino.





APRESENTAMOS

A CIRANDA DO TEMPO

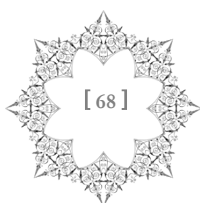
POR RENATA FALSON CAVALCA

Natural de Campinas/SP. Funcionária pública federal. Pós-graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional (IBDC), do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Direito Educacional (NEDUC) da PUC-SP e do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Estudos Ambientais Interdisciplinares da PUC-SP. Participante do Projeto COEDUCA – Coletivo Educador Ambiental de Campinas - Unicamp. Autora de várias obras e artigos científicos.

Roda gigante
Datas comemorativas
Família/Casa/Trabalho
Jornada exaustiva
A sociedade do cansaço
Disponível/indisponível
Temporariamente fora do ar
Burnout/Boreout/Blackout
Se enquadram nas mesmas condições fáticas
Perda de identidade, adaptação ao sofrimento, preservação da própria essência
Aceitar o inaceitável
Quando sua rotina deixa de ampliar sua visão
Saúde mental
Os sentidos do trabalho
A dignidade da pessoa humana
Primeiro, quem você quer ser?
Depois, faça o que precisa fazer
Trabalhar para o dia é encontrar, no final, a noite
Há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu
Somos quem podemos ser
A fábrica
Taylorismo, fordismo e toyotismo
Turnos ininterruptos de revezamento
Intervalos intrajornada e interjornada
Tempo à disposição
Deslocamento
Conexão/desconexão
No sétimo dia Deus descansou de toda a sua obra, que tinha feito.
Descanso também é estratégia de lucro
Morrer é descansar das suas fadigas
Casa Grande e Senzala
Trabalho análogo à escravidão

A pessoa idosa trabalhadora: preconceito
Antes, mais vigor; hoje, mais domínio
Discriminação de gênero
Pressão, humilhação, perseguição, afronta
Intimidação, exclusão, desprezo, ócio, expulsão
Assédio moral
Lugares escondidos
Ambientes tóxicos
Exploração do outro e autoexploração
O descarte do trabalhador
Domínio, poder e autoridade
Mais uma vez, outra vez
Capitalismo/Comunismo/Socialismo
A Luta de Classes
Karl Marx: a mais-valia
O Direito do Trabalho
O trabalhador, que faz as coisas acontecerem
Peças de uma engrenagem
O Império, a República, a Monarquia
Por que os impérios caem?
Instituições degradadas
Desordem estratificada
O “Rei Sol”
O esplendor nunca se produz sozinho
O poder absoluto precisa de cena
Estado Leviatã: o monstro marinho colossal
Planificação, Administração, Burocracia, Poder e Ideologia
Corporativismo
Modernidade/Pós-Modernidade
Tempos futuros
Sofrer o mundo da transformação
A era digital e os novos trabalhos
Os direitos da pessoa que trabalha

Cidadão-trabalhador, existe?
O trabalho hoje é plural
O sentido comunitário
Construir o paraíso é uma tarefa coletiva
O poder da gestão
Pertencimento, engajamento, desenvolvimento e capacidades
Pelo valor
Tempo, tempo, tempo, és um senhor tão bonito!
Será que no futuro haverá flores?
Tomando o rumo do fim
Ainda e sempre, Deus está no controle
Fundamentos para a vida
Desliga a cabeça e liga o viver
Recusa as amarras
Planta a semente
Para uma vida transbordante
O melhor de mim para o melhor dos mundos
Luminárias sem fiação



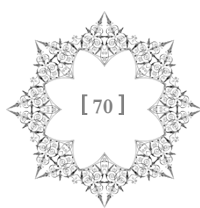
APRESENTAMOS

TEMPO

POR ROSANA OLIVEIRA

Nascida/Residente na cidade RJ, profissão Poeta/Fotógrafa/Especialista RH. Livros publicados Um Olhar Sensível (2024 - Poemas/Fotos), Foco na Poesia vol. IV (2025 - 2 Poemas/Fotos). Será publicado: Conexão de um Olhar (2026 - Poemas/Fotos), Mulheres Além Versos (2026 - 2 poemas). O Poema Revolto Mar selecionado em 1. lugar, voto popular no tema Cultura e Biodiversidade na Costa Verde, na Mostra Cultural Fluminense do Patrimônio 2025 - "Patrimônio Cultural de Mudanças Climáticas".

O tempo não pede permissão para chegar.
Não chega devagar.
Passa como vento.
O tempo é silencioso passatempo.
E no momento corre nos ponteiros como um exemplo a conquistar, a contemplar.
Tempo, Tempo que não para.
É quieto como templo a devagar.
Guarda o cheiro de um abraço que passou.
De uma voz rouca que sussurrou.
E o beijo na boca que desabrochou.
O segredo do tempo é um mistério.
É aceitá-lo, porque o que nos pertence é o tempo de hoje, do agora.
Então viva o novo tempo.



APRESENTAMOS

E ERA PRIMAVERA POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Eu não sabia.
Parecia lento...
mas agora
sei que não.

Era primavera
e não me dei
conta... a escoar
o tempo.



APRESENTAMOS

MOMENTÂNEO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

E fico a pensar
se bem o entendi.
Passa-se um dia
e com outra cor
o passado foi-se.

É azul o que
ontem era amarelo.
Algum significado?
O valor das coisas
a mudar... e eu?



APRESENTAMOS

O SENHOR DE VIDRO POR VINICIUS VAZQUEZ MOREIRA

Nascido em Curitiba, em 2006, Vinicius Vazquez Moreira é um escritor e matemático especialmente interessado em literatura e filosofia analítica. Em 2024, recebeu o prêmio de melhor texto de macroeconomia na competição YMUN Latam, e, no ano seguinte, obteve menção honrosa na Harvard MUN 2025, realizada em Boston. Atualmente dedica-se à escrita de poemas experimentais e contos, enquanto desenvolve sua carreira acadêmica.

Ele caminhava lentamente,
sempre calmo e impessoal.
O notei e, fatalmente,
me tornei o seu rival.

O desafiei com criatividade,
erguendo muros de altas paixões.
E foi sem dificuldade,
que ele as corrompeu em frustrações.

Logo parei de insistir,
estava cansado demais para tentar.
Em derrota eu resolvi,
que podia deixar minha vida passar.

Até que um dia eu a conheci,
fiquei nervoso e assustado.
Era a pessoa certa para mim,
mas eu estava preso ao meu passado.

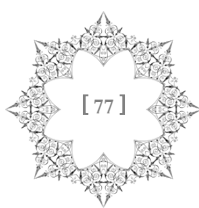
Então o despistei e fui encontrá-la—
levando flores que ela gostaria.
Quando cheguei, lá ele estava;
se ela o visse comigo, não me amaria.

Chorando, eu a deixei só.
Lentamente ele se aproximou.
Em mistério, me estendeu a mão,
e com leveza ele me falou:
“Não chore meu filho,
de maneira alguma busco ofender.
Sou apenas um andarilho,

cansado de te ver sofrer.
Meu caminho já foi decidido,
não tenho escolha no que há de ser.
Olhe para meu corpo, caro amigo,
você ainda tem muito o que viver.”

Observei seu corpo de vidro,
dentro dele só havia areia.
Ele ainda a estava digerindo —
lentamente, à sua maneira.

E foi com o passar do tempo,
que o entendi e assim o fiz:
comecei a viver no momento,
até que por acidente acabei feliz.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI



FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
[WWW.YOUTUBE.COM/
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:

CLIQUE AQUI